



**COMPOSIÇÕES IMAGÉTICAS NA SALA L.U.A.
PERCEPÇÕES, SIMBOLOGIAS E REPRESENTATIVIDADE**

**COMPOSICIONES DE IMÁGENES EN EL SALÓN L.U.A.
PERCEPCIONES, SIMBOLOGÍAS Y REPRESENTACIÓN**

**IMAGE COMPOSITIONS IN THE ROOM L.U.A.
PERCEPTIONS, SYMBOLOGIES AND REPRESENTATION**

Ana Cristina Ribeiro Silva¹

<https://orcid.org/0000-0001-8370-0704>

Carla Gisele Corrêa Silveira²

<https://orcid.org/0009-0009-0563-3281>

RESUMO

Este Ensaio Visual apresenta o percurso de criação do projeto de pesquisa L.U.A. (Laboratório . Ubuntu . 4A: Afeto, Arte, Afrodiaspóricas e Américas) e a ocupação de sua sala na UFPel (Universidade Federal de Pelotas). A arte do grafite da artista Carla Gisele transmutou em obras visuais os mergulhos do coletivo de estudantes-artistas-pesquisadores acerca da Cultura Hip-hop, a partir da cosmopercepção (Oyëwùmí, 2002) e das perspectivas afrorreferenciadas.

Palavras-chave: Cultura Hip-hop; grafite; cosmopercepção; ubuntu; afrorreferenciada.

RESUMEN

Este ensayo visual presenta la trayectoria de creación de la L.U.A. (Laboratorio . Ubuntu . 4A: Afecto, Arte, Afrodiaspórica y Américas) proyecto de investigación y la ocupación de su salón en la UFPel (Universidad Federal de Pelotas). El arte del graffiti de la artista Carla Gisele transformó las exploraciones del colectivo de estudiantes-artistas-investigadores sobre la Cultura Hip-hop desde la cosmopercepción (Oyëwùmí, 2002) y perspectivas afro-referenciadas en obras visuales.

Palabras clave: Cultura hip-hop; grafito; percepción del mundo; ubuntu; Afro-referenciado.

¹ Universidade Federal de Pelotas. Docente. Doutora em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). <https://www.eclipse.art.br/cris-pesquisas> ana.cristina@ufpel.edu.br

² Universidade Federal de Pelotas. Graduando Licenciatura em Artes Visuais. Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PROBIC) da FAPERGS. Artista e pesquisadora do projeto de pesquisa L.U.A..

ABSTRACT

This Visual Essay presents the creation of the research project L.U.A. (Laboratório . Ubuntu . 4A: Afeto, Arte, Afrodiasporicas e Américas) and the occupation of its room at UFPel (Universidade Federal de Pelotas). The graffiti art of artist Carla Gisele transformed into visual works the collective of student-artist-researchers dives into Hip-hop Culture from world-sense (Oyěwùmí, 2002) and Afro-referenced perspectives.

Keywords: Hip-hop culture; graffiti; world-sense; ubuntu; Afro-referenced.

Ensaio

Criado em 2022, o projeto de pesquisa L.U.A. (Laboratório . Ubuntu . 4A: Afeto, Arte, Afrodiaspóricas e Américas) conta com a colaboração e participação de inúmeras(os) *hip-hoppers* de Pelotas-RS, um desdobramento de anos de trabalho com a ‘Cia Eclipse Cultura e Arte’ da cidade de Campinas-SP, com histórico de atuação que soma 23 anos com diversas produções artísticas, culturais e acadêmicas. De acordo com Silva e Cardoso (2021), “a frase de criação: Eclipse, um fenômeno da natureza, Cia Eclipse um fenômeno em movimento. Como metáfora, é a gênese dos nossos trabalhos.” Da mesma maneira, manifesta-se a equipe de pesquisadoras(es) do L.U.A. em constante mobilidade e transmutação.

Ao criar o projeto, no curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), conseguimos a cessão de duas salas em um antigo prédio da universidade, totalmente deteriorado e, posteriormente, com um grupo de discentes da Licenciatura em Dança e Artes Visuais da UFPeL restauramos o espaço para a criação do nosso laboratório de pesquisas corporais e encontros para estudos teóricos. Assim, paralelamente a esta reconstrução das salas em um espaço acolhedor para o coletivo, estudamos Oyěwùmí (2002) através da tradução do professor Wanderson Flor do Nascimento da Universidade de Brasília que interpreta a expressão da autora “world-sense” por “cosmopercepção”, por entender que a palavra “sense”, indica tanto os sentidos físicos, quanto a capacidade de percepção que informa o corpo e o pensamento. Assim, a palavra “percepção” pode indicar tanto um aspecto cognitivo, quanto sensorial. E o uso da palavra “cosmopercepção” também busca seguir uma

diferenciação – proposta por Oyěwùmí – com a palavra “worldview”, que é, usualmente, traduzida para o português como “cosmovisão”.

Em nosso laboratório de pesquisa L.U.A., na primeira sala há uma mesa circular centralizada, bancos e cadeiras próximas às paredes, reforçando a referência da roda/*cypher*³, e estantes com materiais pedagógicos; na segunda sala há um espelho, caixa de som e espaços livres para laboratórios práticos. Na sala prática encontra-se a Figura 1: “Dimensões do ser e estar”, que referencia o nome-sigla do projeto L.U.A. a obra apresenta uma pessoa não binária em destaque em um ambiente urbano. Segundo a artista Carla Gisele, a escolha de uma pessoa não binária poeticamente fortalece a equidade do projeto e a pluralidade da Cultura Hip-hop.

Somada a esta percepção de mundo, as ações da equipe de pesquisadoras(es) se inspira-se e fortalece-se nas metodologias afroreferenciadas e na ética Ubuntu, que, de acordo com Ntumba (2014), é uma palavra existente nos idiomas sul-africanos zulu e xhosa, que significa “humanidade para todos”. Isto significa a denominação de uma ética coletiva, cujo sentido é a conexão das pessoas com a vida, com a natureza, com o divino e com as outras pessoas em formas comunitárias. A preocupação com o outro, a solidariedade, a partilha e a vida em comunidade são princípios fundamentais da ética Ubuntu.

Nesta harmonia do ‘nós’, a L.U.A., feminina, representa o matriarcado africano e a negritude que a noite ostenta. Influencia nossas águas, e seus ciclos nos permitem identificar padrões, motrizes, estéticas e compreender os processos artístico-pedagógicos neste Atlântico Negro que dança, grafita, canta... Transbordando a necessidade de mudança das epistemologias para um olhar afetoso da arte afrodiaspórica nas Américas, a partir das epistemologias do Sul, decoloniais, contracoloniais e afrodiaspóricas.

Figura 1: Dimensões do ser e estar

#paratodasverem #paratodosverem – Pintura em parede com tinta acrílica. Fundo cinza. Pessoa não binária negra, cabelos *black power*, à frente da imagem e à esquerda,

³ Como a roda na Capoeira, a *cypher* é, para a Cultura Hip-hop, um espaço circular de trocas, proteção, confraternização, improvisação e criação. Seja na *cypher* das danças (*Breaking* e *Hip-hop dance*) ou na *cypher* de MCs (Mestres de Cerimônia).

usando tênis, short e regata. Muro em segundo plano, com um gato preto se equilibrando e com as palavras escritas na cor rosa no muro: Laboratório, Ubuntu, Afeto, Arte, Afrodiáspóricas e Américas. Em terceiro plano, uma ciclovia com árvores e uma pessoa andando de bicicleta.



Fonte: Paredes da sala L.U.A. Artista Carla Gisele Corrêa Silveira

A obra, Figura 2: ‘Tentáculos do Olho de Hórus’, da filha, mulher negra, mãe periférica e grafiteira Carla Gisele compõe uma das paredes da sala prática do projeto L.U.A. Com inúmeros atravessamentos poéticos por ter sido elaborada no mesmo período em que o grupo de pesquisa mergulhava nos mares alquímicos e se conectava ao Kemet (antigo Egito). Simbolicamente, o Olho de Hórus representa proteção, poder, sabedoria, saúde e onisciência. Também era associado à medicina e usado como um símbolo mágico para cura no Kemet. Sua elaboração com triângulos remete às bases de apoio da dança *Breaking*, ao equilíbrio e à alquimia. Os tentáculos são o grande órgão tátil, cinestésico e proprioceptivo, para percepção, locomoção e criação do nosso laboratório.

Além disso, Carla Gisele também teve inspiração na história de Nefertiti e Akhenaton, também conhecido como Amenófis IV (Amenhotep IV), faraó que governou no período de 1352-1336 a.C., devido ao protagonismo que o faraó concede à sua rainha. Sua esposa, Nefertiti, teve um papel de destaque durante seu reinado, e algumas fontes indicam que Akhenaton a tratou como igual, concedendo-lhe direitos e status elevado. Considero que esse foi um ato de respeito, política e amor. E sim, a rainha Nefertiti era africana, conforme pesquisas realizadas nas “Biografias de Mulheres Africanas”, realizado pela Rede Multidisciplinar de Estudos Africanos do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ILEA-UFRGS) e do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (DEDS-PROEXT-UFRGS), com o apoio do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NEAB-UFRGS).

Figura 2: Tentáculos do Olho de Hórus

#paratodasverem #paratodosverem – Pintura em parede com tinta acrílica. Fundo verde imagem fractal com triângulos, nas cores rosa e azul. Com imagem de um olho ao centro.



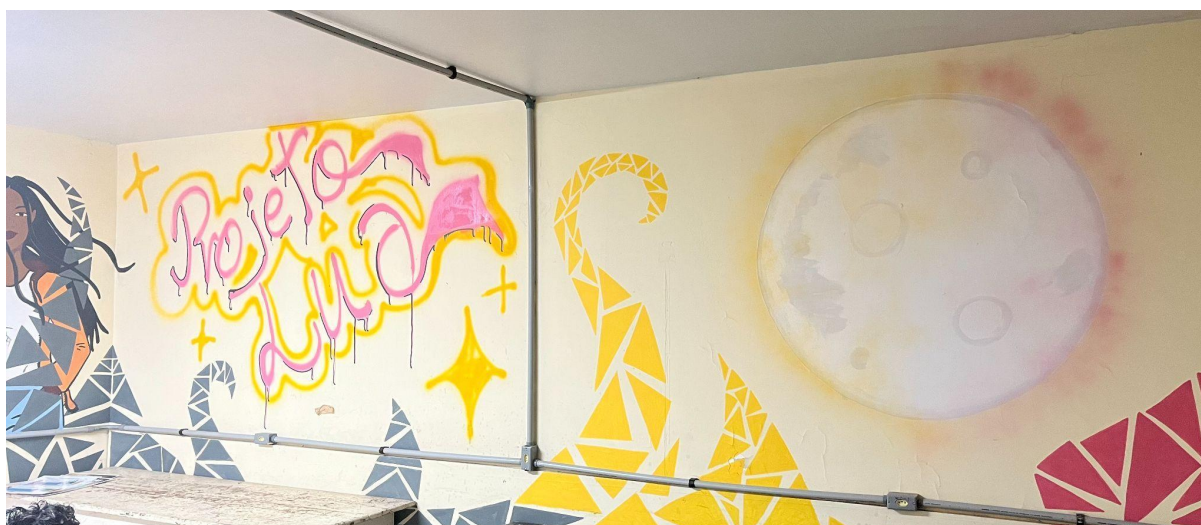
Fonte: Paredes da sala L.U.A. Artista Carla Gisele Corrêa Silveira

Além disso, a L.U.A., o único satélite natural da Terra e o quinto maior do Sistema Solar, representa também, neste projeto, metaforicamente, o quinto elemento da Cultura Hip-hop: o conhecimento, ou seja, “a razão pela qual somos quem somos de onde vêm as nossas raízes”. Como escolhemos a expressão artística do Hip-hop e encontramos nosso propósito na vida!” (Zulu Nation, s/d).

Os tentáculos da obra, Figura 2: “Tentáculos do Olho de Hórus”, estendem-se para a sala *cypher* na Figura 3: “Projeto L.U.A.”, preenchendo toda uma parede onde há mesas e cadeiras. Como desdobramentos dos tentáculos há o texto 'Projeto L.U.A.' e uma L.U.A. nova que na astrologia, é associada a novos começos, planos e realizações. É um momento para refletir, definir metas e iniciar projetos, momentos de renovação, introspecção e planejamento. Dessa maneira, nos apoia a estabelecer metas, definir intenções e semear sementes para o futuro em nossa sala "teórica".

Figura 3: Projeto L.U.A.

#paratodasverem #paratodosverem – Pintura em parede com tinta acrílica. Fundo amarelo imagem fractal com triângulos, nas cores cinza, amarelo e vermelho. Ao lado esquerdo, um texto com o nome Projeto LUA, nas cores rosa, com contorno amarelo. À direita a imagem circular de uma lua nova branca, com contornos amarelos e vermelhos esfumados.



Fonte: Paredes da sala L.U.A. Artista Carla Gisele Corrêa Silveira

Dessa maneira, apoiada nas metáforas poéticas e honrando o passado, a obra na Figura 4: ‘Mulher ancestral’, de Carla Gisele, dentro de uma L.U.A. cheia, olhando para o mesmo lado do símbolo Adinkra Sankofa em seu peito, representa a importância de aprender com o passado para construir o presente e o futuro. Assim, investigamos a ancestralidade e a atualidade para melhor prosseguir com as sensações que refletem essa agitação interna que permeia os artistas-professores-pesquisadores destas artes. Celebrar a L.U.A. cheia com amigas(os) e familiares pode ser uma forma de fortalecer os laços, um momento de ver os projetos concretizados e de celebrar os resultados alcançados.

Figura 4: Mulher ancestral

#paratodasverem #paratodosverem – Pintura em parede com tinta acrílica. Fundo amarelo, com trepadeiras superiores e plantas na parte inferior. No centro, um círculo branco com fundo amarelo e rosado, com uma mulher negra de cabelos presos olhando para o mesmo lado do pássaro Sankofa. À frente da parede, há um expositor de livros.



Fonte: Paredes da sala L.U.A. Artista Carla Gisele Corrêa Silveira

Essa arte foi elaborada com base nas culturas matrilineares, onde o conhecimento feminino é resguardado e valorizado. A artista imaginou um lugar onde saberes sobre ervas, chás, a criação das(os) filhas(os), o cuidado com as crianças, a alimentação e a gestão da casa são colocados em destaque. Em homenagem a essa linha de pensamento, que se equipara ao movimento do feminismo negro, na parte superior, há imagens de plantas que remetem às folhas de guaco. Nas memórias da

artista há sempre a avó, já falecida, que dizia que as folhas de guaco eram valiosas para prevenir gripes, uma sabedoria ancestral.

Na parte inferior, desenhos de folhas da planta conhecida como costela-de-eva, para representar plantas que existiam desde o período jurássico. Essas plantas, que estão no planeta Terra há muito tempo, frequentemente passam despercebidas pelo ritmo da sociedade na atualidade. No centro da composição, a imagem de uma mulher negra, vestindo uma roupa que simboliza o conhecimento compartilhado no projeto L.U.A. Essa mulher está sempre atenta à sua ancestralidade e, por isso, preparada para olhar para o futuro, rememorando tecnologias ancestrais e criando novas tecnologias afrorreferenciadas para apoiar o bem viver social.

Sabe-se que a dança é um instrumento da consciência corporal, cultural e social. Trata-se de um elemento transfigurador. Toda dança tem uma hereditariedade que reflete as ideias de cada período de sua cultura. Cada sociedade, cada grupo de pessoas, desenvolve suas próprias regras sobre as quais as estruturas das danças são definidas (Santos, 2002).

Desta maneira, o grupo de pesquisa não realiza investigações de uma única dança⁴ ou um único elemento, mas busca refletir sobre a pluralidade e os vetores coletivos: culturais, socioeconômicos, políticas públicas, educacionais, privados-midiáticos, entre outros. Nesta narrativa, que a princípio pode parecer heterogênea, considera-se a multiplicidade, reflete-se sobre a coletividade a partir da transversalidade, ou seja, procura contextualizar os conteúdos por meio do resgate dos acontecimentos, por estar interessada em suas origens, causas, consequências e significações.

Outrora, gratidão pela vida, dança. Abertura de caminhos, dança. Que não falte o alimento material e espiritual, dança. A alegria do nascimento, dança. Festejo da liberdade, dança. Pedido por sabedoria, dança. Gratidão, dança! Transmissão de saberes. Reunião de conhecimento. Tradução da sonoridade percussiva.

⁴ Entende-se que a Cultura Hip-hop possui duas danças diretas: o *Breaking* e o *Hip-hop dance*. E inúmeras encruzilhadas com outros movimentos culturais: *Popping*, *Locking*, *House dance*, *Whacking*, *Vogue*, *Krump*, entre outras.

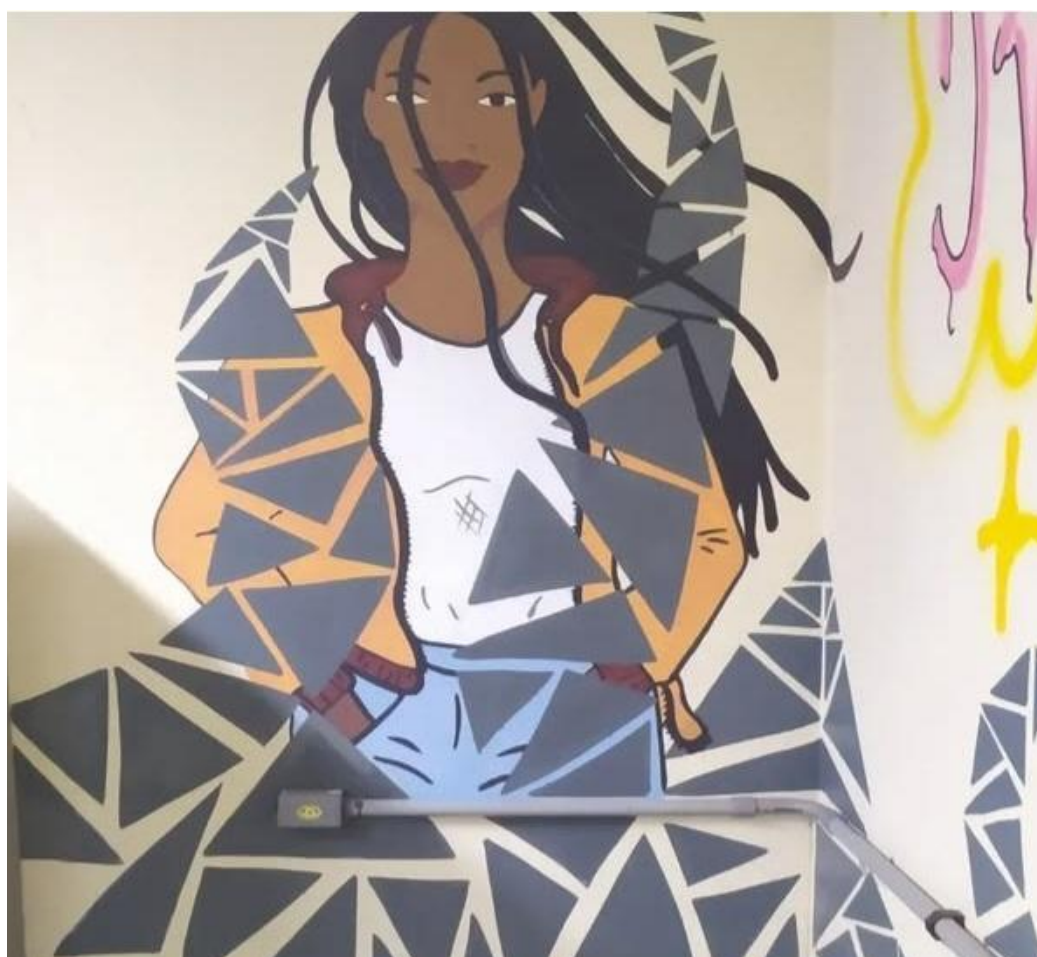
Bodas de ouro de uma geração programada a ser extinta, privada do letramento, todavia, dotada de da riqueza da sabedoria da transmissão corpo-oral.

Legado genético da herança Africana. A transmissão oral sob o Baobá não se esgota. A difusão do conhecimento não se encerra. Dança de Rua continua, na fusão do notório saber e o saber acadêmico. Da vivência e da pesquisa. Da realidade e do estudo. Da teoria e da prática (Santos in Cardoso e Silva, 2025 p. 13).

A obra Figura 5: 'Mulher *hip-hopper*', destaca o matriarcado. A Figura 2: 'Tentáculos do Olho de Hórus' chega até ela, dá base e a sustenta partir da cosmopercepção (Oyěwùmí, 2002). A mulher com uma face serena e autoconfiante, insere as mãos no bolso relaxando os membros superiores para focar em pensamentos complexos e nas soluções criativas.

Figura 5: Mulher *hip-hopper*

#paratodasverem #paratodosverem – Grafite de uma personagem negra com tranças longas, roupas laranja, brancas e azuis. No desenho tem uma arte com triângulos na cor cinza.



Fonte: Paredes da sala L.U.A. Artista Carla Gisele Corrêa Silveira

Para a criação da obra, a artista Carla Gisele se inspirou nas relações que encontrou na Cultura Hip-hop, seja na universidade, ao conhecer o projeto L.U.A., ou em outras ocasiões, em encruzilhadas com diversas mulheres *hip-hoppers* que vivem e apoiam essa cultura. A troca de experiências e a colaboração para o bem social, tornam-se um diferencial significativo em suas comunidades. Essas mulheres transbordam conhecimento e empoderamento para seus lares e escolas, fortalecendo a transmissão para as futuras gerações. Assim, reforçam os aspectos da Cultura Hip-hop enquanto um espaço de liberdade, identificação e política, pois, através dessa expressão cultural-artística-pedagógica, as mulheres conquistam visibilidade, desafiando estereótipos e fortalecendo suas identidades.

A artista Carla Gisele possui um cuidado singular em suas obras que enfatizam a mulher negra e os detalhes que realçam a pluralidade das peles, cabelos e feições

faciais. Além disso, desenvolveu um estilo fractal com triângulos, resultado e inspiração das investigações do projeto L.U.A. Suas criações transpassam as salas do L.U.A., por exemplo na próxima imagem, Figura 6: ‘Minha Arte é da Rua’ é possível ver como esse estilo foi além das paredes da sala, sendo aplicado em um mural durante um evento no centro da cidade de Pelotas-RS.

Nestes trabalhos artísticos, que incluem a arte fractal, a artista Carla Gisele afirma que uniu conhecimentos sobre a ancestralidade e movimentos das danças da Cultura Hip-hop, juntamente com o estudo de objetos geométricos na licenciatura em Artes Visuais, além de compartilhar experiências estéticas e percepções particulares acerca da Cultura Hip-hop, ou seja, da cultura de rua, periférica, que resultam nessas artes. Enfatizando sempre a origem do grafite e sua efemeridade, celebrando, assim, os saberes periféricos e o povo periférico produzindo e pesquisando nas universidades.

De forma geral existe um confronto entre essas duas escolas de saberes, e o Hip-hop naturalmente ocupa o lado de fora da universidade, enquanto cultura de rua. Houve um aumento considerável da produção cultural nesta área principalmente nos últimos anos. O Hip-hop acabou sendo acessado como objeto de estudo em diversas áreas e contextos de atuação, um exemplo é o disco sobrevivendo no inferno, dos racionais mcs, que passou a ser conteúdo obrigatório no vestibular da Unicamp (Gomes, 2019, p. 48).

Dessa maneira, destacamos a relevância das(os) *hip-hoppers* como sujeitos e protagonistas de suas produções e pesquisas acerca da Cultura Hip-hop, seja na cena artístico-cultural, seja também no ambiente acadêmico, respeitando o embasamento das experiências-vivências periféricas e criando encruzilhadas com conceitos epistemológicos.

Figura 6: Minha Arte é da Rua

#paratodasverem #paratodosverem – Grafite nas cores rosa, azul, amarelo e preto em muro, arte fractal com triângulos. Rosto feminino negro ao centro e frases: é “Hip-hop na rua”; “Essa é a nossa cultura”.



Fonte: Arte no evento urbano em Pelotas-RS. Artista Carla Gisele Corrêa Silveira

Concluindo, este ensaio visual incorporou saberes ancestrais, considerando a prática artístico-cultural, o histórico da Cultura Hip-hop, a tradição oral e as epistemologias do sul, estudados pelo L.U.A. e presentes nas obras artísticas da grafiteira Carla Gisele que foram esmiuçadas processualmente e traduzidas como texto nesta investigação. Também ressaltamos a importância da conexão dos elementos da Cultura Hip-hop para potencializar artistas, produções e pesquisas, além de contribuir com a prática docente a formação e a capacitação dos artistas-pesquisadores da cena, em especial no eixo das danças conectadas direta e indiretamente à Cultura Hip-hop, foco das pesquisas do projeto L.U.A.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, José Ricardo; SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Eclipse**. São Paulo: Editora Literatura. 2021.

GOMES, André Luiz Marques. **R/E/P: Rimador-Educador-Pesquisador: procedimentos artísticos e práticas educacionais**. 2019. 117 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2019.

NTUMBA, Tshamalenga M. **Le réel comme procès multiforme: pour une philosophie du Nous processuel, englobant et plural**. Paris: Edilivre-Aparis, 2014.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects** in: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P.J. (eds). *The African Philosophy Reader*. New York: Routledge, 2002, p. 391-415. Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento.

SANTOS, INAICYRA FALCÃO. **Corpo e Ancestralidade - uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. Salvador: EDUFBA, 2002.

SANTOS, Marcio "Tchuckrdc". Prefácio in CARDOSO, Jose Ricardo; SILVA, Ana Cristina Ribeiro. **Dança de Rua**. Campinas: Editora Átomo, 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. 6.ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaia, 2020.

ZULU NATION. **What Is The Mission Of The Universal Zulu Nation?** Disponível em: <http://www.zulunation.com/infinity>. Acesso em: 19 set. 2024.

_____. **Biografias de mulheres africanas**. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/africanas/nefertiti-seculo-xiv-a-c/> . Acesso em: 19 set. 2024.